

Resumo: O autor reconhece que o tema é fascinante, mas difícil de ser abordado, por causa de fantasmas ou mesmo tabus que tentam direcionar ideologicamente a reflexão sobre “Igreja e Eucaristia”. Ele começa verificando esse tema nos documentos do Vaticano II e nas numerosas intervenções do Magistério no pós-Concílio. A seguir, estuda a relação entre Eucaristia e Igreja a partir da Prece Eucarística V, aprovada para o Brasil em 1975. Chama a atenção para o significado do “primeiro nome da Missa”, a “fração do pão”, e para a unidade de toda a Liturgia Eucarística. Antes da conclusão, alerta para os desafios que permanecem.

Abstract: The author realizes that the theme is fascinating but quite difficult to be dealt with due to possible phantoms or even taboos which might steer forcibly the theological thought pattern concerning the “Church and Eucharist”. He begins by verifying this theme in the documents of Vatican II and in the numerous interventions of the Magisterium during the period after the Council. Afterwards he studies the relationship between the Eucharist and Liturgy on the basis of the Eucharistic Prayer V, which was approved to be used in Brazil in 1975. Special attention is drawn to the significance of the “first name of the Mass” as “breaking the bread”, as well as the unity of the entire Eucharistic Liturgy. Before an overall conclusion he makes an alert towards the challenges which still remain.

Igreja e Eucaristia

Da Sacrosanctum Concilium

à Sacramentum Caritatis

*Gustavo Hass**

* O autor é presbítero da Arquidiocese de Porto Alegre, RS, Mestre em Liturgia pelo Pontifício Instituto Santo Anselmo, Roma; presidente da Associação dos Liturgistas do Brasil, ASLI; professor de Liturgia da PUCRS; pároco da Catedral Metropolitana de Porto Alegre, RS.



O tema é fascinante, mas muito amplo e difícil de ser abordado. Sentimos que rondam fantasmas ou quem sabe até, tabus, que logo tentam direcionar a reflexão sem levar em conta os múltiplos caminhos que podem ser tomados para tratarmos a relação “Igreja e Eucaristia”. Aliás, não faltam grupos e pessoas que ignoram ou negam o caminho que foi trilhado nestes 50 anos.

Nas provocações que Adriano Sella faz em seu livro “Por uma Igreja do Reino – novas práticas para reconduzir o cristianismo ao essencial” (Paulus, 2010), a primeira delas é justamente essa: “Menos missa, mais eucaristia”. Constata que há um grande pedido de missas para as mais diversas ocasiões: missa em homenagem a, pelos falecidos, em honra dos santos, pela saúde, pela cura e libertação, pelos 15 anos, pelas bodas de ouro, inaugurações, festas, para pagar promessa, por graça alcançada, missas privadas... enfim, todos estamos acostumados a ouvir a famosa “lista de intenções” no início das celebrações. Por fim, um dos critérios para definir se alguém é “católico praticante” pergunta-se “vai à missa ou não?”.

O Cardeal Dom Serafim Fernandes de Araújo iniciou uma conferência para os Bispos do Brasil, reunidos em seu retiro durante a Assembleia Geral da CNBB em 2005, com estas duas perguntas:

“Será que estamos bebendo mais de filetes, do que dos caudalosos rios da água eucarística, fonte perene de vida da Igreja, aos quais se referia Jesus no seu diálogo com a Samaritana? (“Quem beber da água que eu lhe der, jamais terá sede. A água que eu lhe der, será nele uma fonte que jorra para a vida eterna” – Jo 4,14). Pouco adiante (Jo 7,38), essa fonte será comparada por Jesus, não a filetes, mas a caudalosos “rios de água viva”.

Será que estamos, não nos esquecendo, mas apenas deixando um pouco de lado a grande verdade, de que “a finalidade da Eucaristia é construir o Corpo eclesial de Cristo, que somos nós, a Igreja”?

1 Eucaristia e Igreja nos documentos do Vaticano II e Pós-Concílio

O Concílio de Trento dedicou nada menos que do que 3 sessões para expor a doutrina católica sobre a Eucaristia, enquanto que o Vaticano II não lhe dedicou nenhum documento específico: apenas um capítulo da SC, e não a partir do enfoque doutrinal, mas da reforma.



É interessante notar, porém, que em outros documentos do Concílio há muitas referências à Eucaristia como celebração do mistério pascal. De modo geral podemos dizer que “a **Lumen Gentium** completou a base eclesiológica da celebração (dando mais relevo que a SC ao sacerdócio batismal dos fiéis e ao protagonismo da comunidade); a **Gaudium et Spes** destacou, no que diz respeito à Eucaristia, a missão da Igreja no mundo (conjugando assim melhor a relação da Eucaristia com o compromisso fraterno e serviçal dentro e fora da comunidade); a **Presbiterorum Ordinis** desenvolveu em páginas mais completas o que é a Eucaristia na vida dos sacerdotes e da comunidade (sobretudo em PO 5)”¹. E a **Dei Verbum** valoriza a Liturgia da Palavra, pedindo a unidade das duas mesas: Palavra e Eucaristia (cf. DV 21-25).

É confortador saber que o Concílio Vaticano II significou uma renovação da teologia eucarística, mas em íntima sintonia com a melhor Tradição eclesial, retomando conceitos dos grandes pastores e teólogos dos sete primeiros séculos, os Pais da Igreja do Oriente e do Ocidente.

Com José Aldazábal², sinteticamente podemos destacar 4 aspectos teológicos desenvolvidos pelos documentos do Vaticano II sobre a Eucaristia:

- a) Recuperou-se uma visão conjunta dos diversos aspectos do sacramento: celebração e culto, sacrifício e memorial, palavra e eucaristia, pão e vinho, comunidade e ministros, presença real e compromisso dinâmico.
- b) A Eucaristia aparece mais claramente, de novo, como o memorial da morte pascal de Cristo: “instituiu o sacrifício eucarístico de seu corpo e sangue. Por ele perpetua pelos séculos, até que volte, o sacrifício da cruz, confiando destarte à Igreja, sua diletta esposa, o memorial de sua morte e ressurreição” (SC 47).
- c) Os protagonistas do mistério eucarístico: o Espírito Santo (epicleses) e a comunidade cristã³. O papel ativo, central e atual de Cristo fica bem claro (cf. SC 7).

¹ José ALDAZÁBAL. *A Eucaristia*. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 214.

² Idem, p. 214-219.

³ Curiosidade: no Missal de Pio V, o início da missa era assim descrito: “*Sacerdos, omnibus paramentis indutus...*” (Missale Romanum ex Decreto Sacrosancti Concilii Tridentini Restitutum Pustet : Ritus servandus in celebratione Missae; II – De Ingressu Sacerdotis ad Altare). No Missal de Paulo VI, lemos: “*Reunido o povo, enquanto o sacerdote entra com o diácono e os ministros, começa o canto da entrada*” (IGMR 47).



d) Relação com a Igreja Oriental (UR 15) e a dimensão missionária da Eucaristia (GS 38b)

Depois do Concílio Vaticano II, foram dados muitos passos a partir da publicação de documentos direcionados à celebração eucarística:

Os frutos dos trabalhos do “**Consilium**”⁴, instituído em janeiro 1964, começaram a ser publicados em 1968, com as primeiras novas orações eucarísticas, em 1969 com os lecionários e em 1970 com o Missal (em 1975 a 2ª. edição típica). Apresento a relação das Instruções e Documentos mais importantes relacionados ao nosso tema:

1964 – *Inter Oecumenici* – Instrução para executar retamente a SC (Congregação para os Ritos)

1965 – *Mysterium Fidei* – carta encíclica sobre o culto da sagrada Eucaristia

1967 – *Tres abhinc anos* – 2ª. Instrução para a exata aplicação da SC (Congregação para os Ritos)

Eucharisticum Mysterium – Instrução sobre o culto do mistério eucarístico (Congregação para os Ritos)

1969 – *Memoriale Domini* – Instrução sobre o modo de distribuir a comunhão (Congregação para o Culto Divino)

1970 – *Liturgicae instaurationes* – 3ª. Instrução para aplicação da SC

Sacramentali communione – Instrução sobre a mais ampla faculdade de poder administrar a sagrada comunhão sob as duas espécies (Congregação para o Culto Divino)

1973 – A Sagrada Comunhão e o culto do mistério eucarístico fora da missa (Congregação para o Culto Divino)

Immensae caritatis – Instrução para facilitar a comunhão sacramental (Congregação para a disciplina dos sacramentos)

Diretório para missas com crianças (Congregação para o culto divino)

⁴ Com o Motu Proprio *Sacram Liturgiam* de 25 de janeiro de 1964, Papa Paulo VI instituiu o *Consilium ad exsequendam Constitutionem de Sacra Liturgia*, encarregando-o de colocar em prática as prescrições e decisões da *Sacrosanctum Concilium*. Faziam parte do *Consilium* em torno de 50 cardeais e bispos e mais de 200 peritos de diversas nacionalidades. O primeiro presidente foi o Cardeal Lercaro e secretário Pe. Annibale Bugnini. Os trabalhos do *Consilium* eram acompanhados diretamente e em todo o momento pelo Papa Paulo VI.



- 1977 – Diretório para missa com grupos populares – CNBB
- 1980 – *Dominicae cenae* – Carta apostólica sobre o mistério e o culto da santíssima eucaristia
Inaestimabile donum – Instrução sobre algumas normas relativas ao culto da santíssima eucaristia (Congregação para os Sacramentos e o Culto Divino)
- 1981 – Nova edição do Lecionário
- 1983 – *Sacerdotium ministeriale* – Carta aos bispos sobre algumas questões concernentes ao ministro da eucaristia (Congregação Doutrina da Fé)
Novo Código de Direito Canônico
- 1988 – Diretório para as celebrações dominicais na ausência do presbítero (Congregação do Culto Divino)
- 1992 – Catecismo da Igreja Católica – II parte
- 1994 – *Liturgiam Authenticam* – Nova Instrução para a reta aplicação da SC – princípios que devem governar as traduções nas várias línguas modernas dos textos da liturgia romana (Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos)
- 1998 – *Dies Domini* – Carta apostólica sobre a santificação do domingo
- 2000 – Instrução Geral sobre o Missal Romano (3ª. edição)
- 2003 – *Ecclesia de Eucharistia* – Carta Encíclica sobre a eucaristia na sua relação com a Igreja
- 2004 – *Redemptionis sacramentum* – Instrução sobre algumas coisas que devem ser observadas e evitadas a respeito da santíssima eucaristia (Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos)
Mane nobiscum Domine – Carta Apostólica para o Ano da Eucaristia
- 2007 – *Sacramentum Caritatis* – Exortação Apostólica Pós-Sinodal sobre a Eucaristia, fonte e ápice da vida e da missão da Igreja
- 2010 – *Verbum Domini* – Exortação Apostólica Pós-Sinodal sobre a Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja



2 Eucaristia e Igreja a partir da Prece Eucarística V

Não vamos tratar o tema analisando cada um destes documentos e instruções. Exigiria um tratado teológico e não é este o objetivo desta Semana Teológica.

Uma boa fonte para aprofundar o conhecimento da Eucaristia e da própria Igreja é a própria celebração eucarística. Ao longo dos séculos, a Igreja primeiramente VIVEU e CELEBROU a Eucaristia. Num segundo momento é que refletiu, aprofundou e sistematizou o conteúdo do mistério celebrado. A própria liturgia é fonte da teologia. Se quisermos saber qual a teologia eucarística da Igreja, convém interrogar a própria celebração, e de modo particular, a prece eucarística. Cesare Giraudo, em diversas obras sobre a eucaristia⁵, resume o desenvolvimento histórico da teologia eucarística afirmando que, no primeiro milênio, a Eucaristia era entendida a partir de sua celebração; no segundo milênio, prevaleceu a doutrina, sobretudo em polémicas (realismo e simbolismo), ofuscando ou até contradizendo o mistério celebrado.

Pretendo fazer minha humilde e pequena reflexão sobre o tema proposto, a partir da Prece Eucarística V, aprovada para o Brasil por ocasião do Congresso Eucarístico de Manaus, 1975. Vamos tentar identificar as suas diversas partes, expressões, relações entre Igreja e Eucaristia. Lembremos os elementos que compõem uma prece eucarística⁶:

Diálogo inicial

Prefácio

Santo

Epiclese de consagração

Narração da instituição

Aclamação memorial

Memória

Ofertório

Epiclese de comunhão

Intercessão

Doxologia final

⁵ Por exemplo, Cesare GIRAUDO. *Redescobrimo a Eucaristia*. São Paulo: Loyola, 2003.

⁶ Cf. IGMR 79.



2.1 Tudo isto é mistério da fé!

Iniciemos com a aclamação memorial. Encontramos a expressão “mistério da fé” em 1Tm, 3,9, onde Paulo fala sobre as condições para alguém exercer o diaconato: “Saibam guardar o mistério da fé com uma consciência pura”. No versículo 16 complementa: “Como todos nós reconhecemos e professamos, é grande o mistério da piedade: Ele foi manifesto na carne, justificado pelo Espírito, contemplado pelos anjos, proclamado entre as nações, acreditado no mundo, arrebatado na glória”.

A expressão “mysterium fidei” figurava indevidamente como uma interpelação nas palavras de consagração do cálice no Cânon Romano⁷. A reforma conciliar colocou-a após a narração da instituição. Por quê?

O contexto deixa claro: o mistério da fé é a morte e a ressurreição de Jesus Cristo cuja memória é celebrada na ceia eucarística. Estamos celebrando o mistério pascal, que engloba a paixão, morte, ressurreição, ascensão. Enfim, de todas as dimensões do único mistério pascal de Cristo.

A Edição Típica do Missal Romano, em latim, *mysterium fidei*, foi traduzida para o português como: “Eis o mistério da fé”. Uma das particularidades da Prece Eucarística V é justamente a expressão um pouco diferente: “Tudo isto é mistério da fé”. “Tudo isto”, isto é: o corpo entregue, o sangue derramado, a vida doada, a morte e a ressurreição, a expectativa da segunda vinda... “Recordamos, ó Pai, neste momento, a paixão de Jesus, nosso Senhor, sua ressurreição e ascensão” (Prece V); “Celebrando agora, ó Pai, a memória do vosso Filho, da sua paixão que nos salva, da sua gloriosa ressurreição e da sua ascensão ao céu” (Prece III)

Falando sobre esta aclamação memorial, diz o Papa João Paulo II:

“com estas palavras ou outras semelhantes, a Igreja, ao mesmo tempo que apresenta Cristo no mistério da sua Paixão, revela também o seu próprio mistério: A Igreja vive da Eucaristia. Se é com o dom do Espírito Santo, no Pentecostes, que a Igreja nasce e se encaminha pelas estradas do mundo, um momento decisivo da sua formação foi certamente a instituição da Eucaristia no Cenáculo. O seu fundamento e a sua fonte é todo o Tríduo Pascal, mas este está de certo modo guardado, antecipado e ‘concentrado’ para sempre no dom eucarístico. Neste, Jesus Cristo

⁷ “Hic est enim Calix Sanguinis mei, novi et aetérni testamenti: mysterium fidei: qui pro vobis et pro multis effundetur in remissionem peccatorum”.



entregava à Igreja a atualização perene do mistério pascal. Com ele, instituiu uma misteriosa 'contemporaneidade' entre aquele Tríduo e o arco inteiro dos séculos"⁸.

Portanto, a relação Eucaristia e Igreja acontece nesta relação com todo o Mistério Pascal. Por temor de ser mal interpretado, recorro novamente às palavras do Cardeal Dom Serafim, dirigindo-se aos seus irmãos no episcopado durante o retiro da Assembleia Geral da CNBB (2005):

“Estamos imobilizando Jesus na presença real. *Dentro dessa concepção, Ele se torna mais ‘meu’ e ‘seu’, do que ‘nosso’, de todos os irmãos, de toda a comunidade. É o contrário do que nos ensina Jesus no Pai Nosso (Ele não disse: Pai meu, mas Pai Nosso).*

Não há um santo, principalmente entre os eucarísticos e adoradores do Santíssimo, que não transbordasse copiosamente para o ‘TUDO’ do amor aos irmãos.

Essa reflexão nos faz voltar ao início desta conferência, quando sugerimos que a fórmula de aclamação: ‘Eis o mistério da fé’, deve ser completada, em nossa vida concreta, pela instrução de Maria, a Mulher Eucarística: ‘Fazei tudo o que Ele vos disser!’ Só então poderemos chegar à magnífica síntese teológica do ‘Tudo isto é mistério da fé!’ E o ‘Tudo isto’ compreende não apenas a presença real, mas, sobretudo, a celebração do Mistério Pascal do Cristo, em sua totalidade.

*Concluimos, caros irmãos e irmãs, com uma séria advertência que deve suscitar inquietações em nossos corações de pastores: **Toda nossa forma de viver o cristianismo expressa uma compreensão teológica. Também a forma de celebrar.** Se a celebração procura ajudar a pessoa a entrar no mistério, estamos diante de uma teologia mistagógica vivida. Mas, se a celebração parece mais um programa de auditório que uma celebração litúrgica, a assembléia deixa de ser uma comunidade celebrante para virar auditório de tietes”.*

2.2 Fazei isto em memória de mim

Memória é tradução do grego *anámnesis*. Memória ou memorial significa tornar efetivamente presente um acontecimento do passado. Não é uma simples evocação de um acontecimento passado ou de seu significado, mas a proclamação eficaz pela Igreja da obra reconciliadora de Deus nela.

⁸ JOÃO PAULO II. *Ecclesia de Eucharistia*. n. 5.



É uma memória, portanto, da morte e ressurreição do Senhor, que condensa TODA a vida de Jesus, tudo o que disse e fez. Pela celebração memorial, ação ritual que se faz com os mesmos sinais da última ceia, participamos, em cada ‘hoje’ de nossa vida e da história, da morte-ressurreição do Senhor, até à plena assimilação/comunhão no Reino do Pai.⁹

É o que lemos na SC 47:

“– Na noite em que foi entregue, na última ceia, foi instituído o Sacrifício Eucarístico do Corpo e Sangue do Senhor.

– Por ele, perpetua pelos séculos, até que volte, o Sacrifício da Cruz

– À Igreja, dileta esposa, é confiado o memorial da sua morte e ressurreição – sacramento de piedade, sinal de unidade, vínculo de caridade, banquete espiritual

– em que Cristo nos é comunicado em alimento, o espírito é repleto de graça e nos é dado o penhor da futura glória”

Pela ação memorial, Cristo se torna presente no meio de nós, não numa presença física, mas sacramental, por isso real, mediante sinais sensíveis; não uma presença estática e passiva, mas dinâmica e ativa, “na qual se torna novamente presente a vitória e o triunfo de sua morte” (SC 6), para que, participando da ação ritual, nós mesmos passemos da morte para a vida.

“O que se celebra na Eucaristia é o ser Igreja, com tudo o que isto significa. Como a Igreja pertence intrinsecamente ao Mistério Pascal de Cristo, o momento em que ela se visibiliza, celebrando o ser Igreja, só pode ser um momento de recordação do Mistério Pascal de Cristo. É o Senhor ressuscitado, vivo, com toda a sua história e conseqüentemente com seu Mistério Pascal que é celebrado”¹⁰.

No entanto, temos que ter o cuidado de não fazer uma interpretação unidirecional, na nossa vida prática, desta ordem de Jesus: **“Fazei isto em memória de mim”** Isto é: habituamo-nos a focalizar teologicamente apenas o aspecto da Eucaristia como **“memorial”** da Paixão, Morte e Ressurreição do Senhor, esquecendo-nos das conseqüências práticas que essa **“memória”** deve representar para a vida do cristão e para a missão da Igreja.

⁹ Cf. Ione BUYST. *A Eucaristia na Vida da Igreja*. Estudos da CNBB 89. São Paulo: Paulinas, p. 31.

¹⁰ Francisco TABORDA. Eucaristia e Igreja. *Revista Perspectiva Teológica* 17 (1985), p. 42.



Como vimos na reflexão do Cardeal Dom Serafim, o certo seria saber conjugar o *“Fazei isto em memória de mim”*, da Última Ceia, com o *“Fazei tudo o que ele vos disser”*, de Maria, nas Bodas de Caná. A feliz aclamação do povo na nossa V Oração Eucarística, parece operar esta síntese teológica. Não foi à toa que o Evangelista João colocou o *“Lava-pés”* no lugar da instituição da Eucaristia. A Igreja, no seu magistério, encampa essa visão mais totalizante do Sacramento do amor de Cristo: *a finalidade da Eucaristia é construir o corpo eclesial de Cristo que somos nós, a Igreja.*

2.3 Relato da instituição

Nunca poderemos esquecer a *“moldura”* do relato da Instituição que é feito logo após a invocação do Espírito Santo para a consagração do Pão e do Vinho: *“Na noite em que ia ser entregue, ceando com seus apóstolos” ou “estando para ser entregue e abraçando livremente a Paixão”*... O início do capítulo 13 do evangelho de João é ainda mais explícito: *“Sabendo Jesus que havia chegado a sua hora, a hora de passar deste mundo para o Pai, tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até o fim. Durante a ceia...”*

Não sei se já percebemos a profundidade deste momento da Prece Eucarística. Acreditamos sim, sem dúvida alguma, na presença real de Jesus nas espécies do Pão e do Vinho consagrados. Não podemos *“soletrar”* apenas as primeiras palavras – *“isto é o meu corpo”*, mas pronunciar e ouvir com toda solenidade e atenção – *“que será entregue por vós”*. O *“este é o cálice do meu sangue”* deve se equilibrar com *“o sangue da nova e eterna aliança, que será derramado por vós e por todos para o perdão dos pecados. Fazei isto em memória de mim”*.

2.3.1 Sacerdócio de Cristo e da Igreja

“É ele o sacerdote verdadeiro que sempre se oferece por nós todos, mandando que se faça a mesma coisa que fez naquela ceia derradeira” (Prece V).

Como entendemos o *“sacerdócio”* de Cristo e da Igreja?¹¹ A Carta aos Hebreus é o único escrito do Novo Testamento que designa Cristo

¹¹ Cf. Ione BUYST. Nossa participação ritual/espiritual na Eucaristia como ação de Cristo, sacerdote e vítima. *Conferência no Seminário Nacional de Liturgia*, São Paulo, 2010 (texto não publicado).



como “sacerdote”; no entanto, o objetivo é mostrar o fim de todos os sacrifícios e do sistema sacerdotal. Aos vários tipos de sacrifícios que os sacerdotes ofereciam a cada ano *ritualmente* para expiar os pecados do povo, o autor da Carta aos Hebreus contrapõe o “sacrifício” *real* de Cristo que, para realizar a vontade do Pai, não realizou nenhum rito de expiação, mas ofereceu seu próprio corpo, *uma vez por todas*: assumiu tornar-se *vítima*, ele próprio, rompendo com o sistema sacrificial e o sacerdócio ritual, tornando-os obsoletos (cf. Hb 10,5-10).

Na liturgia eucarística, nós, povo sacerdotal em Cristo e no Espírito, realizamos *ritualmente* o memorial do sacrifício *real* de Cristo, com sinais simbólicos da última ceia: “*Todas as vezes que comemos deste pão e bebemos deste cálice, anunciamos, Senhor, a vossa morte, enquanto esperamos vossa vinda!*” (Aclamação memorial, Cf. 1Cor 11,26-27). Participamos *ritualmente* da ação sacrificial de Cristo, na qual atuou ao mesmo tempo como “sacerdote” e “vítima”. Mas, pelo fato de estarmos incorporados nele pelo batismo, a oferta do sacrifício de Cristo inclui a oferta de nós mesmos. Assim a SC 48 insiste em que os fieis “aprendam a oferecer-se a si mesmos, ao oferecer juntamente com o sacerdote, **e não só pelas mãos dele**, a hóstia imaculada”. Em Cristo, somos chamados a ser “sacerdotes” e “vítimas”, oferecendo ao Pai nossa vida, em união com a oferta de Cristo.

No entanto, nossa participação *ritual* pressupõe a participação pelo sacrifício *real* na vida cotidiana, o “sacrifício vivo”, conforme expressão da Oração Eucarística n. 4. Ou seja, assim como a última ceia aponta com palavras e gestos simbólicos para a morte de Jesus no Gólgota, assim a ação ritual do sacrifício eucarístico (sacrifício de louvor) supõe o conseqüente “sacrifício” *real* de toda a nossa vida. Por isso, ao realizarmos a ação memorial desta entrega (‘oferta’, ‘sacrifício’) de Cristo, pedimos na oração eucarística n. 3 que “ele [o Espírito] faça de nós uma oferenda perfeita”. Paulo exorta aos Romanos: “pela misericórdia de Deus, a oferecerdes vossos corpos em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus: este é o vosso verdadeiro culto.” (Rm 12,1).

Como não pensar nos mártires de ontem e de hoje (nossos mártires latino-americanos) que viveram esta coerência entre a participação no ‘sacrifício’ *ritual* e a entrega *real* de suas vidas pelo Reino? Como Jesus, os mártires entregaram a vida em *solidariedade* aos seus irmãos (cf. Hb 2,11-15; 5,7-8; 13,1-3.12-16) e nós, celebrando a Eucaristia, nos tornamos como que mártires em potencial.



Agostinho fala desta relação entre celebração e vida num sermão na festa do mártir São Lourenço: “Lourenço exercia o ministério de diácono. Aí servia o sagrado sangue de Cristo; aí, pelo nome de Cristo, derramou seu sangue. O santo apóstolo João expôs claramente o mistério da ceia ao dizer: ‘Como Cristo entregou sua vida por nós, também nós devemos entregar as nossas vidas pelos irmãos.’ (1Jo 3,16). São Lourenço, irmãos, entendeu isso; entendeu e fez; e da mesmíssima forma como recebeu daquela mesa, assim a preparou”.¹²

2.4 Epicleses de consagração e de comunhão

Quando falamos na epiclese da Prece Eucarística às vezes não nos damos conta de que temos duas epicleses: uma de consagração e outra de comunhão.

- a) “Mandai vosso Espírito Santo, a fim de que as nossas ofertas se mudem no Corpo e no Sangue de nosso Senhor Jesus Cristo. Mandai vosso Espírito Santo.”
- b) “E quando recebermos Pão e Vinho, o Corpo e Sangue dele oferecidos, o Espírito nos una num só corpo, para sermos um só povo em seu amor. O Espírito nos una num só corpo!”

Diz Santo Agostinho: “Qual o sacrifício dos cristãos? De muitos fazer-se um corpo de Cristo” (De Civ. Dei X, 6). “Se sois o Corpo de Cristo e seus membros, é vosso símbolo que repousa sobre a mesa do Senhor: é vosso símbolo que recebeis... Sede aquilo que vós vedes e recebei o que vós sois” (Sermo 272).

Não celebramos a Eucaristia para “criar a presença de Cristo, pois ele já está presente de muitas maneiras. A finalidade da eucaristia é transformar-nos a nós no corpo eclesial de Cristo através da comunhão no corpo sacramental. Por isso, a eucaristia é o sacramento da unidade.”¹³

Apesar de, na liturgia romana, as duas epicleses ficarem separadas uma da outra, é preciso ter presente essa unidade e observar que a separação entre elas não é divisão, apenas dois momentos de uma mesma ação. Cesare Giraudo lembra um teólogo medieval, Tomás Netter von Walden (†1430) que apresenta a Igreja como “o corpo místico de

¹² S. AGOSTINHO, Sermo 304,1-4; PL 38,1395-1397, in: *Liturgia das Horas*, vol. IV, 10 agosto, festa de São Lourenço, diácono; leitura patrística.

¹³ F. TABORDA, *A Eucaristia na Vida da Igreja*, op. Cit., p. 69.



Cristo no qual cada cristão é transubstanciado por meio da recepção da eucaristia”. Pode-se descrever, portanto, a 2ª. epiclese, a epiclese de comunhão, como súplica por nossa ‘transubstanciação’ no corpo eclesial, graças exatamente à nossa comunhão no corpo sacramental. Os que éramos substancialmente dispersão, devido à nossa fragilidade e a nossos egoísmos, tornamo-nos substancialmente assembleia escatológica (já e ainda não), membros harmoniosamente unidos a Cristo, ‘a cabeça do corpo que é a Igreja’ (Cl 1,18)¹⁴.

O mesmo autor lembra as preces eucarísticas orientais, onde as duas epicleses estão após a narração da instituição. Cita como exemplo: “envia teu Santo Espírito sobre este pão e este vinho, para que transforme o pão no corpo e o vinho no sangue de teu Cristo, a fim de que nós que os recebemos sejamos transformados num só corpo”¹⁵.

Outro exemplo interessante é a Anáfora de S. Basílio: “envia o teu Espírito sobre nós e sobre estes dons, par que transforme os dons no corpo sacramental, a fim de que, participando deles, nós sejamos transformados num só corpo, o corpo eclesial”¹⁶.

“Esta formulação esclarece que toda a ação eucarística converge, de fato, sobre a Igreja como aquele corpo que se constrói ao ritmo de nossas eucaristias. Em certo sentido podemos dizer que propriamente não é o ‘Cristo sacramental’ o termo último da celebração eucarística; o termo último e o fim próprio da ação eucarística é o ‘Cristo eclesial’, a edificação da Igreja”¹⁷.

A finalidade da Eucaristia é construir o corpo eclesial de Cristo, que somos nós, a Igreja. E nos ajuda a descobrir que a importância da Eucaristia não é a “produção” da presença real de Cristo no pão e no vinho... A Eucaristia não visa, portanto, a tornar Cristo presente, como se ele, de resto, estivesse ausente, mas visa a que nos tornemos o Corpo de Cristo. Pela Eucaristia, sempre que a celebramos, estamos participando do mistério pascal de Cristo, penhor de nossa salvação, mistério do qual começamos a participar pelos sacramentos de nossa fé.

¹⁴ Cesare GIRAUDD. *Redescobrimo a eucaristia*. São Paulo: Loyola, p. 46.

¹⁵ Idem, pág. 47.

¹⁶ Ibidem, pág. 47.

¹⁷ Ibidem, p. 48.



Francisco Taborda, ao tratar sobre o tema “Igreja como Comunhão”¹⁸, identifica 4 comunidades a partir da Eucaristia:

- a) A Igreja, comunhão em torno da memória viva de Jesus (**comunidade rememorativa**): Dizer que a Igreja é o corpo de Cristo é muito mais que uma metáfora: é o sentido mesmo da Igreja, expressando sua natureza de momento intrínseco à Ressurreição. A Igreja só tem sentido, só é Igreja, enquanto comunidade reunida em torno à memória de Jesus.
- b) A Igreja, comunhão a partir da solidariedade com os pobres (**comunidade significativa**): é uma Igreja que mostra em suas ações o Espírito que a anima, comunidade que realiza o que significa: ser presença de Jesus, continuando sua obra, seguindo a Jesus. Se a memória é celebrativa, é porque primeiro é uma memória em continuidade de vida, de seguimento. O seguimento de Jesus se mostra nesse ‘ser comunhão’, começando pelos mais pobres.
- c) A Igreja, comunhão antecipadora da humanidade futura (**comunidade prognóstica**): nossa comunhão tem caráter escatológico. A Igreja será fiel à sua vocação, na medida em que viva a comunhão que é o Reino, mas a viva aqui e agora sob as condições da história, neste mundo dividido e conflitivo.
- d) A Igreja, comunhão por obra de Deus: somos um povo reunido pela unidade da Trindade – “Bendito seja Deus que nos reuniu no amor de Cristo”.

2.5 Intercessões

As intercessões da Prece Eucarística são diferentes das preces dos fiéis. Dentro da estrutura da oração eucarística, elas são a continuação da epiclese de comunhão, feita sobre os comungantes. Mas não celebramos apenas com e para os que estão presentes em nossas celebrações, mas por todo o corpo de Cristo, a Igreja, lembrando o Papa, Bispo, Presbíteros, Diáconos, Fiéis Leigos: queremos ser uma Igreja que “caminha nas estradas de Jesus”.

¹⁸ Cf. Francisco TABORDA, *Eucaristia e Igreja*. Op. Cit., pp. 29-62.



2.6 Doxologia

E assim chegamos ao AMÉM. O amém não é um enfeite qualquer. Ele é fundamental na oração, especialmente na oração eucarística. Santo Agostinho tem uma comparação muito eloquente: “O amém é a nossa assinatura. Quando se escreve um documento, o texto não tem nenhum valor, enquanto não tiver a assinatura. O amém é a assinatura da assembleia à oração dita por aquele que a preside. É ela que convalida a oração. Quem assina é o povo de Deus, povo sacerdotal. A oração eucarística não é a oração do bispo ou do padre que preside, mas é a oração que ele faz em nome da comunidade”¹⁹.

3 Fração do pão

Além da Prece Eucarística, não poderíamos falar da relação entre Eucaristia e Igreja sem citar a Fração do Pão, o primeiro nome da missa: At 2,42; At 2,46; At 20,7; 1Cor 10,16.

Muito oportuno e conciso o ensinamento do Catecismo: “Fração do Pão, porque este rito, próprio da refeição judaica, foi utilizado por Jesus quando pronunciava a bênção e distribuía o pão como presidente da mesa, sobretudo por ocasião da Última Ceia. É por este gesto que os discípulos o reconhecerão após a ressurreição, e é com esta expressão que os primeiros cristãos designarão as suas assembleias eucarísticas. Com isto querem dizer que todos os que comem do único pão partido, o Cristo, entram em comunhão com ele e já não formam senão um só corpo nele” (Cat 1329)

Também a IGMR dá preciosas orientações sobre este momento tão especial antes da comunhão eucarística:

“... Pela fração do pão e pela comunhão os fiéis, embora muitos, recebem o Corpo e o Sangue do Senhor de um só pão e de um só cálice, do mesmo modo como os Apóstolos, das mãos do próprio Cristo” (IGMR 72)

“O sacerdote parte o pão eucarístico. O gesto da fração realizado por Cristo na última ceia, que no tempo apostólico deu o nome a toda a ação eucarística, significa que muitos fiéis pela comunhão no único pão da vida, que é o Cristo, morto e ressuscitado pela salvação do mundo,

¹⁹ TABORDA. *A Eucaristia na Vida da Igreja*, op. Cit., p. 75.



formam um só corpo. A fração se inicia terminada a transmissão da paz, e é realizada com a devida reverência...” (IGMR 83)

“A verdade do sinal exige que a matéria da celebração eucarística pareça realmente um alimento. Convém, portanto, que, embora ázimo e com a forma tradicional, seja o pão eucarístico de tal modo preparado que o sacerdote possa de fato partir a hóstia em diversas partes e distribuí-las ao menos a alguns dos fiéis. (...) O gesto da fração do pão manifestará mais claramente o valor e a importância do sinal da unidade de todos num só pão, e da caridade fraterna pelo fato de um único pão ser repartido entre os irmãos”(IGMR 321)

4 Felizes os convidados para a Ceia do Senhor

Mas o ponto alto da celebração é o momento em que somos convidados a “participar da Ceia do Senhor”. “A Eucaristia é sacramento. Para compreendê-la, pois, é necessário partir do sinal sensível que a constitui, do gesto simbólico que nos abre ao mistério, da expressão significativa do conteúdo dessa celebração. Ora, a expressão significativa da eucaristia (e, portanto, do ser Igreja) é a refeição festiva do pão e do vinho em memória do Mistério Pascal de Cristo”²⁰.

A refeição é sempre uma expressão significativa, senão a maior, de intercomunhão. Primeiramente, pelo seu significado antropológico (é sempre um ato comunitário, vital). Em segundo lugar, tem uma fundamentação bíblica, tanto no Antigo quanto no Novo Testamento.

*“Receber o pão e o vinho eucaristizados (comunhão sacramental) é o ponto culminante da missa, a que se orienta toda ela. Cristo se dá realmente aos comungantes, atraindo-os à participação de seu mistério pascal, nutrindo-os e introduzindo-os na vida trinitária, construindo a Igreja em profundidade. Infelizmente, ainda prevalece uma concepção individualista de união a Cristo. Cabe a tarefa de despertar o sentido comunitário da comunhão como construção da unidade do corpo de Cristo”*²¹.

Celebramos a Eucaristia para obter do Pai a transformação em um só corpo, o corpo eclesial, escatológico, místico. A celebração da eucaristia é “para nós” – “...para que estas oferendas se tornem para nós Corpo e Sangue do vosso Filho” (Prece II).

²⁰ TABORDA. *Eucaristia e Igreja*, op. Cit., p. 42.

²¹ TABORDA. *A Eucaristia na Vida da Igreja*, op. Cit., p. 79.



“A própria Liturgia impele os fiéis que, saciados dos ‘sacramentos pascais’, sejam concordes na piedade; reza que ‘conservem em suas vidas o que receberam pela fé’; a renovação da Aliança do Senhor com os homens na Eucaristia solícita e estimula os fiéis para a caridade imperiosa de Cristo. Da liturgia, portanto, mas da Eucaristia principalmente, como de uma fonte, se deriva a graça para nós e com a maior eficácia é obtida aquela santificação dos homens em Cristo e a glorificação de Deus, para a qual, como a seu fim, tendem todas as demais obras da Igreja” (SC 10).

A Eucaristia não foi instituída para os nossos olhos mas para a nossa boca que se nutre dela: foi instituída para que comêssemos e bebêssemos²².

Não quero entrar nas polêmicas e discussões atuais sobre o modo de recebermos a comunhão (na mão, na boca, de joelhos...) Acho que às vezes nos preocupamos mais com o **“como”** do que com o **significado**. Mais preocupados se a comunhão é na boca, na mãos ou de joelhos, deveríamos nos preocupar em descobrir o que significa **“comer a carne e beber o sangue”**. A teologia de João 6, sobre o Pão da Vida, não está no **“como”**, mas **no significado**. A pergunta sobre o **“como”** é tola, ridícula. Só serve para mostrar que a palavra de Jesus nem sempre se deve entender em sentido literal.

5 A unidade de toda a Liturgia Eucarística

Existe uma estreita relação entre as três partes que compõem a Liturgia Eucarística²³.

Na apresentação das oferendas, levamos à mesa o pão e o vinho que simbolizam toda a nossa existência, “frutos da terra e do trabalho de homens e mulheres...”, com as “alegrias e fadigas”²⁴ inerentes; a atitude é de reconhecimento de uma pertença, de uma relação: a vida nos é dada por Deus.

Sobre estes mesmos símbolos pronunciamos a oração eucarística em atitude de agradecimento ao Pai pela salvação realizada na morte e ressurreição de Jesus Cristo; realizamos o memorial, invocando o envio

²² Cf. GIRAUDO, op. Cit., p. 49.

²³ Cf. Ione BUYST., Nossa participação ritual/espiritual na eucaristia como ação de Cristo, sacerdote e vítima. *Seminário Nacional de Liturgia*, 2010. Texto não publicado.

²⁴ MISSAL ROMANO, texto alternativo para o ‘*Orai, irmãos e irmãs...*’



do Espírito sobre os dons apresentados, que assim “se tornam para nós o pão da vida e a cálice da salvação”, e oferecemos ao Pai “este sacrifício de vida e santidade”, incluindo nossa própria vida entregue juntamente com a de Cristo. Dessa forma, assumindo nossa condição de povo sacerdotal “oferente”, sendo nós mesmos, unidos a Cristo, as “vítimas”, não nos pertencemos mais: em Cristo e no Espírito nos tornamos corpo entregue, dom total, vida oferecida, inserida na entrega de Jesus Cristo.

Partimos o pão; comemos e bebemos o Pão e o Vinho trazidos por nós e eucaristizados naquela celebração²⁵, tornando-nos cada vez mais estreitamente unidos uns aos outros, “por Cristo, com Cristo e em Cristo”, com o Pai, no Espírito Santo.

A comunhão intensifica nossa incorporação a Cristo e à Igreja e nos faz cúmplices comprometidos na continuidade de sua missão sacerdotal, na entrega de nossa vida em atitude de solidariedade e amor aos irmãos e irmãs, na nova aliança entre Deus e a humanidade. Renovados, voltamos à “dispersão” no meio da sociedade, em atitude de disponibilidade para o serviço, como sacerdotes e vítimas, como testemunhas do Ressuscitado, como felizes anunciadores da vinda do Reino de Deus na sociedade.

É fácil “mandar rezar uma missa”, ou – para os ministros ordenados – “rezar três ou quatro missas num único dia”. No entanto, o que se pede de nós é que nos tornemos, em Cristo e no Espírito, “uma perfeita oferenda”, “um sacrifício vivo para o louvor de sua glória”.

Dizem que, na catequese, há muitos anos, na preparação para a primeira comunhão, havia a preocupação de explicar para as crianças “quanto tempo dura em nós a presença real”. “Profundos estudos” chegaram à resposta exata: “tempo médio de 20 minutos”. “Naquele lapso de tempo – ensinava-se – devíamos fazer companhia a Jesus, como deveriam ter feito os 3 apóstolos no Getsêmani, mas infelizmente não fizeram. Por isso, recebida a comunhão, falávamos com Jesus, lhe contávamos muitas coisas e depois ouvíamos com compunção o que sua voz interior sugeria ao nosso coração”²⁶. Pior ainda, que esta foi a última catequese que a maioria do povo recebeu...

²⁵ SC 55 – “Recomenda-se vivamente um modo mais perfeito de participação na missa, que consiste em que os fiéis, depois da comunhão do sacerdote, recebam do mesmo Sacrifício, o Corpo do Senhor.”.

²⁶ GIRAUDO. *Redescobrir a Eucaristia*, op. Cit., p. 76.



6 Desafios que permanecem

Chamou-me a atenção uma afirmação que ouvi numa palestra: “na prática, a teoria (teologia) é outra!”²⁷

No entanto, até que ponto nossa prática pastoral corresponde a esta bela teologia? Quantas pessoas, frequentadoras das missas (dominicais e semanais), terão consciência de estarem celebrando como Igreja, povo sacerdotal? Quantas teriam assimilado o sentido da Eucaristia como memorial da morte e ressurreição de Jesus Cristo? Quantas, de fato, oferecem a si mesmas e suas vidas juntamente com a oferta memorial do sacrifício de Jesus Cristo? Quantas sabem e fazem questão da comunhão no cálice e da comunhão do pão eucaristizado naquela celebração?

Na verdade, a maioria das pessoas que vêm à igreja continuam “assistindo” a missa realizada (celebrada) pelos “sacerdotes”; vem para “adorar o Cristo que vem presente na hora da consagração”, “receber o corpo de Cristo na comunhão”, “pagar promessa”, “pedir uma graça”, “agradecer pela graça alcançada”, “rezar pelos falecidos”... Basta prestar atenção à lista de “intenções...”

De que forma a participação na celebração eucarística enquanto povo sacerdotal é tratada na formação do povo, na catequese batismal, crismal, eucarística, no catecumenato, na preparação ao matrimônio, na vida religiosa, na formação dos seminaristas, diáconos, leigos em geral? Os presidentes das celebrações eucarísticas têm consciência de que seu sacerdócio ministerial não os coloca acima e fora, mas dentro e a serviço da comunidade de batizados? O fato de passarem de uma comunidade a outra para presidirem a Eucaristia nas várias assembleias dominicais não estará levando a uma sensação de isolamento e superioridade, de estarem fora e acima das várias comunidades eclesiais às quais presidem? Além disso, salta aos olhos a crescente “sacerdotalização” dos presbíteros que se manifesta, entre outras, pelo uso crescente e insistente do termo “sacerdote” no lugar do “padre” ou “presbítero”, inclusive por parte de bispos e em textos oficiais.

Pior ainda é o fato de afirmarmos enfaticamente a centralidade da Eucaristia na vida cristã e não tomarmos as medidas necessárias para

²⁷ Cf. Ione BUYST. A participação do povo sacerdotal na celebração eucarística. *Seminário Nacional de Liturgia*. Texto Não publicado.



que a maioria das assembleias dominicais (fala-se em 70%) não fique impedida de celebrar a Eucaristia regularmente no Dia do Senhor. E são justamente as comunidades e pessoas mais pobres que são privadas deste sacramento dominical, elas que, na dureza de sua vida diária, vivem o “sacrifício real” em união com Cristo.

7 Conclusão

Eucaristia e Igreja: um longo caminho percorrido, um longo caminho a descobrir.

Não esqueçamos os ideais da SC, tão bem descritos no número 48:

“a Igreja zela pela participação plena dos fiéis (não sejam estranhos ou espectadores mudos);

– participação consciente, piedosa e ativa; instruídos pela Palavra de Deus; saciados pela mesa do Corpo do Senhor; dêem graças a Deus.

– Aprendam a oferecer-se a si próprios oferecendo a hóstia imaculada, não só pelas mãos do sacerdote, mas também juntamente com ele e assim tendo a Cristo como mediador, dia a dia se aperfeiçoem na união com Deus e entre si, para que, finalmente, Deus seja tudo em todos”

Aos presbíteros e bispos, que presidem nossas celebrações eucarísticas, sempre é bom recordar o número 5 da *Presbyterorum Ordinis*:

“Na liturgia, Cristo exerce o seu múnus sacerdotal continuamente em nosso favor pelo seu Espírito.

Todos os sacramentos, ministérios e serviços se ligam à Sagrada Eucaristia e a ela se ordenam. Pois a Santíssima Eucaristia contém todo o bem espiritual da Igreja, a saber, o próprio Cristo, nossa Páscoa e pão vivo, dando vida aos homens, através de sua carne vivificada e vivificante pelo Espírito Santo.

Desta forma são os homens convidados e levados a oferecerem a si próprios, seus trabalhos e todas as coisas criadas, junto com Ele.

Assim, a Eucaristia se apresenta como fonte e ápice de toda evangelização, pois já os catecúmenos são introduzidos pouco a pouco a participar da Eucaristia, e os fiéis, uma vez assinalados pelo santo batismo e confirmação, acabam por inserir-se plenamente pela recepção da Eucaristia no Corpo de Cristo.



É, pois, a assembleia eucarística o centro desta comunidade de fiéis presidida pelo presbítero. Por isso, ensinam os presbíteros os fiéis a oferecerem a divina vítima no sacrifício da missa a Deus Pai e a fazerem com ela o oferecimento de sua vida”.

Uma bela síntese de todo o tema que tratamos encontra-se no número 7 da Constituição Lumen Gentium:

“O Filho de Deus, na natureza humana unida a si, vencendo a morte por sua morte e ressurreição, remiu e transformou o homem numa nova criatura. Ao comunicar o Seu Espírito, fez de seus irmãos, chamados de todos os povos, misticamente os componentes de seu próprio Corpo. Nesse corpo difunde-se a vida de Cristo nos crentes que, pelos sacramentos, de modo misterioso e real, são unidos a Cristo morto e glorificado. (...) Participando realmente do Corpo do Senhor na fração do pão eucarístico, somos elevados à comunhão com Ele e entre nós. ‘Sendo um só o pão, todos os que participam deste pão único formamos um só corpo’ (1 Cor 10,17). Assim, tornamo-nos todos membros desse Corpo (cf. 1 Cor 12, 27), ‘cada um, membros uns dos outros’ (Rm 12,5). Mas como todos os membros do corpo humano, embora muitos, formam contudo um só corpo, assim também os fiéis em Cristo (cf. 1 Cor 12,12)”.

Concluo com as palavras do Papa emérito Bento XVI, na recitação do Angelus, dia 26 de junho de 2011:

“Sem a Eucaristia, a Igreja simplesmente não existiria. A Eucaristia é, de fato, o que torna uma comunidade humana um mistério de comunhão, capaz de levar Deus ao mundo e o mundo a Deus. O Espírito Santo transforma o pão e o vinho no Corpo e Sangue de Cristo; também transforma todos os que o recebem com fé em membros do Corpo de Cristo, para que a Igreja seja verdadeiramente um sacramento de unidade dos homens com Deus e entre eles.

Em uma cultura cada vez mais individualista, como aquela em que estamos imersos nas sociedades ocidentais, e que tende a se espalhar por todo o mundo, a Eucaristia é uma espécie de “antídoto”, que age nas mentes e nos corações dos crentes e que semeia de forma contínua neles a lógica da comunhão, do serviço, da partilha, em suma, a lógica do Evangelho.

Os primeiros cristãos, em Jerusalém, foram um sinal evidente deste novo estilo de vida, porque viviam em fraternidade e partilhavam seus bens, de modo que ninguém fosse indigente (cf. Atos 2,42-47). De que derivava tudo isso? Da Eucaristia, isto é, de Cristo ressuscitado, realmente



presente entre os seus discípulos e operante com a força do Espírito Santo. E também nas gerações seguintes, através dos séculos, a Igreja, apesar dos seus limites e erros humanos, continuou sendo no mundo uma força de comunhão”.

Endereço do Autor:

Rua Duque de Caxias, 1047

Centro

90010-282 Porto Alegre, RS